A ARTE DO MIRITI: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO NA FÁBRICA DOS SONHOS

Osmarina Ferreira e FERREIRA
Elinete de Oliveira RAPOSO
Universidade Federal do Pará-UFPA
Eixo 05 - Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva
osmarina.ferreira@iemci.ufpa.br

Palavras-chave: Brinquedo de miriti. Altas Habilidades ou Superdotação. Inclusão.

1.Introdução

O presente relato de experiência analisa uma intervenção pedagógica imersiva realizada com estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental atendidos em Sala de Recursos Multifuncionais, identificados com o perfil de Altas Habilidades ou Superdotação - AHSD. O objetivo da ação foi aproximar o cotidiano escolar e a rica tradição do artesanato do brinquedo de miriti, hoje reconhecido como patrimônio cultural imaterial e identitário local e assim propiciar atividades de suplementação das aprendizagens de forma ativa e significativa aos estudantes. A mesma consistiu em uma visita pedagógica e oficina prática denominada “VisitAção” no ateliê do miriti - Fábrica dos Sonhos. A experiência estimulou a reflexão ecológica sobre a relação homem-natureza e a articulação entre a educação inclusiva e os saberes tradicionais amazônicos.

2. A atividade desenvolvida

O trabalho analisa as contribuições pedagógicas da atividade de VisitAção, desenvolvida no âmbito do Atendimento Educacional Especializado (AEE), como suplementação curricular para estudantes com AHSD. O estudo está ancorado em três objetivos específicos: mediar o conhecimento dos estudantes sobre a cultura do brinquedo de miriti e sua relevância socioeconômica para Abaetetuba; investigar o potencial do artefato tradicional como mediador do processo de ensino-aprendizagem no contexto da educação especial; e examinar o engajamento criativo e o envolvimento com a tarefa dos educandos com AHSD a partir do contato direto com a produção artesanal da cultura local.

3. Percurso metodológico e desenvolvimento da ação

O trabalho configura-se como um relato de experiência de natureza qualitativa e cunho descritivo-analítico, amparado nos pressupostos da pesquisa-ação e da práxis pedagógica reflexiva de Freire. As atividades ocorreram em fevereiro de 2026 direcionadas a estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental atendidos na Sala de Recursos Multifuncionais da Escola Gov. Magalhães Barata, localizada em Abaetetuba/PA. A ação contou com a participação de docentes do AEE, os discentes e seus respectivos pais e responsáveis, a gestão e coordenação escolar. O cenário da vivência foi o ateliê do miriti - Fábrica dos Sonhos, do artesão Valdeli Costa. O desenho metodológico da experiência foi estruturado em três momentos sequenciais.

O primeiro momento, consistiu na explanação teórica dos saberes do artesão, os estudantes participaram de uma roda de diálogos sobre os elementos históricos, sociais e técnicos do artesanato do miriti em Abaetetuba, sua importância social, econômica e a urgência do manejo sustentável do miritizeiro. No segundo momento, ocorreu a mediação literária, com a introdução da dimensão mítica da flora amazônica através da leitura e interpretação da Lenda da Uaraci, narrativa que segundo Baia (2016), versa sobre o surgimento mítico do miritizeiro, lenda atrelada aos indígenas da região do baixo Tocantins, cuja personagem é conhecida como “Mãe das Frutas”. Mitologia registrada pela escritora abaetetubense Maria de Nazaré Lobato. A narrativa contou com a performance e interpretação de Giselle Alves, integrante dos grupos de Teatro Miritins, Jirau - UFPA, que trouxe elementos narrativos e simbólicos tradicionais da cultura ancestral indígena e ribeirinha. Finalizou-se a atividade com uma Oficina Criativa, mediada pelas professoras e o artesão, que dadas as restrições de segurança, disponibilizou peças previamente entalhadas em diferentes formatos (barcos, aves e espécies de animais) e tamanhos. A oficina apoiou-se na apropriação dos artefatos para o exercício manual criativo da pintura, pigmentação e ornamentação estética.

4. Resultados e implicações para a prática

Os resultados obtidos por meio da atividade evidenciam que a interação com a cultura artesanal local atuou como um catalisador do pensamento crítico, da autonomia e do desenvolvimento cognitivo e afetivo dos estudantes neurodivergentes participantes. Esse achado dialoga diretamente com a perspectiva de Freire (1996), para quem a educação libertadora se constitui na medida em que o sujeito é convidado a refletir criticamente sobre sua realidade, tornando-se protagonista do próprio processo de aprendizagem. Nas atividades teóricas, os estudantes manifestaram elevada compreensão e sensibilidade em relação à problemática da sustentabilidade florestal,

associando a preservação do miritizeiro à continuidade do artesanato tradicional amazônico. Essa apropriação crítica do saber tradicional, aproxima-se do que Baía (2016) identifica como função enunciativa dos objetos de memória, destacando que o brinquedo de miriti não é apenas artefato lúdico, mas patrimônio que enuncia práticas discursivas de identidade e pertencimento.

Na Oficina Criativa, observou-se elevada expressividade criativa e forte envolvimento dos participantes com a tarefa proposta, elementos que Virgolim (2018) situa entre os principais indicadores do processo criativo em estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD). Diante das peças pré-moldadas, os estudantes expressaram com ousadia suas habilidades manuais, o que reforça o argumento da autora de que a expressão criativa em sujeitos com AH/SD se manifesta de forma singular e não linear, exigindo espaços pedagógicos flexíveis que acolham diferentes formas de produção simbólica. O clima de encantamento estético, partilha e aprendizagem coletiva observado, reafirma a dimensão dialógica e afetiva defendida por Freire (1996) como constitutiva de toda prática educativa emancipadora. Além disso, a proposta defendida por Virgolim (2018), apoiada no Modelo Triádico de Enriquecimento de Renzulli, é de que atividades exploratórias do tipo I, como a vivenciada na Fábrica dos Sonhos, enquanto estratégias de suplementação e enriquecimento curricular a estudantes com AH/SD, mobilizam habilidades cognitivas, criativas e socioemocionais de forma integrada.

Conclui-se, portanto, que a experiência pedagógica vivenciada ratifica a hipótese de que a intersecção entre educação inclusiva voltada à suplementação e ao enriquecimento para AHSD e os saberes tradicionais amazônicos constitui estratégia pedagógica significativa e viável e que a imersão na cultura local, revela-se capaz de engajar estudantes em elevados níveis de abstração e criatividade, reafirmando o valor pedagógico da diversidade cultural amazônica como via de enriquecimento curricular.

5. Principais Referências

BAÍA, L. C. dos S. **Do mito da índia Uaraci à palmeira que dá brinquedo**: práticas discursivas e função enunciativa na constituição de patrimônio e musealização do brinquedo de miriti. 2016. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VIRGOLIM, Ângela M. **Altas habilidades/superdotação:** processos criativos, afetivos e desenvolvimento de potenciais. Curitiba: Juruá, 2018.